

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	2\$600	Trimestre ou 6 numeros 6650
Semestre ou 12 numeros	1\$300	N.º avulso ou pago á entrega 6120
ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros	3\$000	Semestre ou 12 numeros 1\$500

2.º ANNO—VOLUME II—N.º 25

1 DE JANEIRO 1879

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.



MOSTEIRO DA BATALHA—PORTA LATERAL DA EGREJA — (Segundo uma photographia de F. Rochini)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — As nossas gravuras — O Piloto João de Lisboa, BRITO REBELLO — Sob os cyprestes, SILVEIRA DA MOTTA — Costumes do Imperio de Marrocos, R. DA CAMARA. Os andes, FRANCISCO D'ALMEIDA — Canção do Outomno, CORLEO DE CARVALHO — O Mimoso, J. CAMARA. — Rainhas de Portugal.

GRAVURAS. — Mosteiro da Batalha, porta lateral da igreja — Desmoronamento do corpo central do novo edificio da Casa Pia em Belem — Costumes do Imperio de Marrocos — O acampamento, scena do 3.º acto do Duquesinho — D. Filippa de Lancaster, mulher de D. João I. — Giovanni Passavanti, auctor do attentado contra o rei Humberto I. — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Que outros se encarreguem de fazer o necrologio do anno que expirou que não serei eu que vá perturbar com uma nemia lacrimosa as cinzas ainda quentes d'esse pobre morto que acaba de tombar na immensa valla da historia, sobre os vinte mil irmãos que o precederam.

Quando digo vinte mil, devo explicar que me sirvo d'um numero a capricho, e que por tanto, se qualquer sociedade d'antropologistas exigir provas da minha asserção desde já declaro preemptoriamente que não lhas dou.

O que ha de positivo é que o anno de 1879 acaba de nascer, sem lhe ser dada a regalia dos jornaes amanhã lhe chamarem *robusto* como succede a respeito de todos os meninos mais ou menos illustres, e ás vezes tão illustres como enfezados, que abrem de quando em quando os olhos á luz do nosso magnanimo sol.

Outra desvantagem dos annos é a gente poder, quando os rememora, usar de uma franqueza que não é das praxes uzar, nem mesmo a respeito dos mais assignalados patifes da especie humana.

Assim eu, fazendo o necrologio do anno de 1878, podia dizer francamente que este anno malogrado foi um batoteiro de primeira ordem; bancorroteiro nas finanças, na politica e na moral; que teve algumas virtudes mas em compensação innumerables vicios: que produziu a luz Jabolochkoff que é muito clara e ao mesmo tempo o regulamento do registro civil que é muito escuro; que tirou a ilha de Chypre aos turcos e deu mais alguma philoxera ás vinhas; que outhorgou a Portugal cento e vinte deputados novos e outras tantas polkas mazurkas velhas, e que legando ao torrão luzo mais algumas dezenas de amanuenses, adiantando, como não podia deixar de ser, um passo no caminho do progresso humano, deixou todavia de pé uma promessa terrível annunciada por alguns jornaes:

A publicação proxima dos *Annaes da Villa da Moita*, por um natural da referida Moita! O anno de 1878 que mal te fizemos nós?

Pois deixas por terra a torre dos Jeronymos e de pé, hirta, ameaçadora, funesta, a ameaça dos *Annaes* e de mais a mais da *Moita*!...

Sómete na poeira das idades anno calamitoso!

—Seria uma grata e facil occupação dedicar alguns momentos ao horoscopo do anno que vem entrando, deixo porém esse entretenimento ao zelo de mais abalisados prophetas.

Affianço todavia ao leitor, em prova da consideração que me merece, que, entre vicios e virtudes, tem a esperar do anno que chega, pouco mais ou menos o seguinte:

Um inventor americano descobrirá uma luz mais escura que a da companhia do gaz.

As acções de alguns bancos descerão dois graus abaixo do thermometro na Guarda.

Será tão grande a colheita de barões que o Brazil e as provincias reexportarão para o ministerio do reino barões em estado de fremeação.

O pardieiro da academia das bellas artes abrirá mais uma racha.

Os jornaes reunidos em conclave proclamam o seguinte dogma. — A infalibilidade do sr. Cecilio Fernandes.

Surgirá um genio nacional que, entre outras cousas, tirará do nariz sons tão maviosos como os da harpa colia.

O governo, em prova da sua sollicitude pela arte, nomeará uma commissão encarregada de verificar as dançarinas estrangeiras de que reza uma clausula da adjudicação do theatro lyrico.

No parlamento estrear-se-hão varios oradores que no dia seguinte serão denominados pelos jornaes *successores de José Estevam*.

O sr. duque d'Avila e Bolama terá finalmente um hymno seu, proprio e exclusivo — letra da sr.ª Canuto.

E muitas outras cousas se podem vaticinar do anno que chega, mas como a missão do chronista é fallar simplesmente dos successos da ultima quinzena, vou procurar resumir-me simplesmente á letra do meu programma.

— Os ultimos quinze dias foram pela providencia e pelos homens consagrados aos *desmoronamentos*. Só o que não ameaçou queda, com bem magua da opposição, foi o governo; em quanto ao mais houve um momento de panico em que chegamos a suppôr que tudo viesse a terra.

D'estes desmoronamentos o mais celebre, e ao mesmo tempo o mais triste e o mais fecundo em lições, foi o do torreão dos Jeronymos. Verdadeiramente esta catastrophe deve ser tomada antes como um symbolo do que como um desabamento vulgar.

A perspectiva da torre podia chamar-se uma *bonita* perspectiva. Sobre uma graciosa varanda de rendilhados floridos, que bem podia servir para varanda de Julieta, um frontão com o seu relógio de mostrador — eloquente protesto de cantaria contra a poesia inutil da renascença. Por baixo do relógio a estatua da caridade, e por cima, remontando ás nuvens orgulhoso, contemplando com manifesto desdem o templo dos Jeronymos humilhado a seus pés, um altivo miranète a que faltava unicamente a consagração gloriosa do catavento.

Um dia a argamaça d'uma simples pedrinha diluiu-se. A agua das chuvas foi-se infiltrando por todas as juntas. As faces do edificio sem ligações fortes que as tornassem solidarias entre si, penderam cada uma para seu lado, divergiram, e a grande torre espapou-se como um monumento feito d'ovos e assucar n'uma confeitaria da baixa, ficando redusida a um montão informe de que a apothose necessaria é a pá do carroceiro.

Hão de concordar comigo n'uma cousa: é que não ha nada mais parecido com esta torre do que as instituições contemporaneas!

— A camara municipal de Lisboa assustada justamente com o desastre de Belem tomou uma resolução prudente e que mais confirma a opinião que muito boa gente nutre a respeito da sizudez d'este grave corpo do estado. Pediu ao governo que mandasse verificar se por ventura o frontispicio dos novos paços do concelho poderá sustentar o frontão que a camara tenciona pôr-lhe em cima. A vereação quer ficar com a consciencia tranquilla a tal respeito; não quer de futuro ser agitada pelo remorso na placidez do somno municipal.

É verdade que ella podia reunir-se em maioria indo depois sentar-se sobre a columnada que constitue a frente do novo edificio, com as pernas para baixo para o largo do Pelourinho, concluindo que, se a parede não viesse abaixo com ella, não viria tambem abaixo com os pedregulhos que lhe destina; todavia a camara acha prudente que o governo faça o exame, visto o poder executivo dispôr d'alguns conselheiros essencialmente aptos para semelhante prova.

— O governo por outro lado desconfiando da solidez do parlamento nomeou uma commis-

são d'engenheiros encarregada de verificar se a sala da camara dos deputados offerece a solidez necessaria.

A resposta d'esta commissão offerece margem a largas meditações: — a sala offerece perigo mas não é immediato.

Isto é; a commissão entende naturalmente, e muito bem, que a sala desde que esteja vazia pôde estar de pé, ficando unicamente sujeita á contingencia de desabar quando por exemplo o sr. conselheiro Arrobas suba á tribuna.

Como relatorio de commissão parece-me este um dos mais serios e mais profundos que se tem feito n'este paiz!

— Tremelique ou não o parlamento, d'amanhã em diante assistiremos das varandas combatidas da camara á lucta dos gladiadores que tanto Cabeceiras de Basto como a Alfandega da Fé enviaram a morder o pó do circo até serem nomeados 2.ª officiaes ou recebedores de comarca. A opposição accusará provavelmente o sr. ministro da marinha por sua excellencia ter disposto da bacia do Zambeze como quem dispõe d'uma bacia de barba, dando-a de presente pelo Natal a um adido d'embaixada como quem dá uma broa de cem mil hectares quadrados: ao que o sr. Thomaz Ribeiro naturalmente obtemperará que Moçambique inconsolavel reclamava uma *companhia* no seio da qual podesse reclinar a fronte abrazada pelo sol dos tropicos — sendo uma crueldade não satisfazer a este ardentissimo desejo de Tete e de Zumbo.

Entretanto, se o leitor deseja alguma talhada de colonias é pedir quanto antes. Zambeze acabou-se, contudo talvez ainda haja algum pedaço de lombo d'Angola. Vamos, não tenha vergonha: corra á secretaria da marinha e bata com a ponteira do chapéu de chuva em cima da mesa, gritando: — salta Pongo-Andongo para um. Continuo; traga S. Thomé e Príncipe.

— A prima-dona Felicitá Pernini deslisou como um meteoro pelo firmamento do theatro lyrico. Chegou, desafinou, cahiu e partiu. Só foi pateada duas noites; exactamente aquellas em que cantou. Em quanto ás outras não consta que os *dilettanti* fossem bater-lhe a casa em signal de reconhecimento pela fórma por que gorgoeou a *Mignon*.

A platéa de S. Carlos sabe ser gentil para com as damas.

— Outro testemunho de consideração acaba de receber o sexo fragil dos poderes publicos nacionaes. Foi aberta na bibliotheca publica de Lisboa a *sala da Rainha*, destinada ás senhoras que desejem illustrar o seu espirito das 9 ás 3 com excepção dos dias santificados.

Varias folhas tem applaudido esta lembrança amavel da bibliotheca publica, lembrança que na opinião d'ellas dá satisfação plena aos que na *arena jornalística*, combatem ha tanto tempo pela emancipação da mulher. Os exames no lyceu não bastavam realmente, e o espirito da sr.ª Pusich andava ha muito com sede de leitura sem ter onde se saciar. Assim, em troca da ilha das Gallinhas, a patria deu-lhe uma sala que em comprimento e largura não é talvez somenos do que a joia com que a corôa portugueza se enriqueceu, com a vantagem de ter fogão, utensilio que a referida joia provalvemente não possui ainda.

O que é certo é que os poderes publicos nacionaes vão n'um despenhadeiro terrível! D'aqui a pouco os maganões são muito bem capazes de decretar o amor livre!

— Quizera discurrir um momento com o leitor, fazendo algumas considerações sobre o destino das sociedades, mas n'este momento dá a meia noite do dia 31 de Dezembro, e, com bem magua minha, é tarde para isso! Uma cousa unica me consola. É que esta meia noite dá as suas doze badaladas illuminada ainda pelo gaz dos nossos maiores sorrindo triumphante da desgraça dos candieiros Jabolochkoff apagados já ha tanto no Chiado!

Oh, como elle sorri o perfido! Assim elle desse luz.

— *As Elleições* por Oliveira Martins, eis o mais recente livro que n'este momento se acha em frente de mim. É um livro d'actualidade, agora que vamos provar, na feira de S. Bento, o fructo do sufragio de que este excepcional pensador faz a critica.

Livros taes levam-se perfeitamente de um anno para o outro sem receio de que envelheçam, é por isso que lendo-o em 1878 quero ter o prazer de fallar ainda d'elle em 1879.

GUILHERME D'AZEVEDO.

AS NOSSAS GRAVURAS

A PORTA LATERAL DA EGREJA DA BATALHA

A nossa primeira gravura, copia de uma photographia da excellente collecção do sr. F. Rochini, representa a porta lateral do magnifico templo da Batalha. Cremos que ainda não foi reproduzida em qualquer publicação portugueza, e por isso lhe damos hoje o lugar d'honra, iniciando com o desenho d'um dos mais grandiosos monumentos gothicos da península, o segundo anno da publicação do *Occidente*.

O que seja o magnifico mosteiro da Batalha, esse rendilhado poema de marmore inspirado pela fé ardente d'um cyclo religioso, quando o espirito do povo acordava da noite da meia idade para o alvorecer glorioso da renascença, é ocioso rememoral-o agora, quando apenas tractamos de um dos seus detalhes. Muitos escriptores nacionaes e estrangeiros se encarregaram já antes de nós da descripção do sumptuoso monumento, a que não nos furtaremos na occasião opportuna quando dermos novo desenho que abraça mais o conjunto do edificio. A porta lateral ou travessa, é muito differente da porta principal, mas o seu riseo é da mesma forma elegantissimo, parecendo decorada com singeleza, não obstante a profusão de ornatos e de brincados com que está decorada. É este um dos segredos da arte, só conseguido pelos artistas supremos.

Como dissemos o mosteiro da Batalha é um grande poema de marmore. A gravura da nossa primeira pagina representa uma estrophe d'esse poema inspirado.

DESMORONAMENTO DO CORPO CENTRAL DO NOVO EDIFICIO DA CASA PIA, EM BELEM

Um triste acontecimento commoveu ha poucos dias Lisboa e o resto do paiz. Abateu o corpo central da nova galeria em construcção junto ao magnifico templo dos Jeronymos, e que constituindo a frente da Casa Pia, estava a ponto de concluir-se depois de longos annos de trabalhos e de muitos capitães despendidos, devendo então, com o monumento que recorda os nossos feitos passados, constituir um todo harmonico, especimen d'essa architectura maravilhosa que hoje assignafa a gloriosa epocha de D. Manuel, d'onde tirou o nome.

O desmoronamento teve lugar no dia 18 de dezembro pelas 9 horas da manhã, e do altivo torreão que já se elevava aos ares perto talvez de trinta metros, apenas resta hoje de pé, quasi intacto felizmente, o corpo inferior, como a nossa gravura o representa, salvando-se a varanda gothica, de admiravel desenho, e o portico ligeiramente damnificado. Poucos dias antes fóra collocada no nicho superior a primeira varanda, uma magnifica estatua da Caridade, cinzelada pelo distincto esculptor Simões de Almeida, e essa mesma teve a cabeça decepada.

N'este desastre houve sobretudo a lamentar a perda de oito vidas. Oito dos trabalhadores que lidavam na obra, não podendo fugir a tempo, foram colhidos pela derrocada, ficando soterrados n'aquella pesada moie de areia e de cantaria.

A dedicação corajosa dos bombeiros de Lisboa ainda arrancou á morte, depois de esforços heroicos e de muitas horas de trabalho, um desgraçado que jazia sepultado nas ruínas, amparado, casualmente, por algumas lajes sobrepostas que o não deixavam esmagar de todo. Muitas pessoas foram testemunhas da dedicação empregada pelos que acudiram, chamados pelos deveres do seu cargo, ao lugar do desastre, a começar por sua magestade el-rei que determinou que o enterro dos que pereceram na catastrophe fosse feito á sua custa, socorrendo as familias das victimas e gratificando os que mais trabalharam para a salvação do operario soterrado.

O *OCCIDENTE* dará no seu proximo numero o desenho geral do novo edificio, tal qual como se achava antes de se dar a derrocada, bem como os lineamen-

tos do plano que se pretendia executar. Por essa occasião penna competente se encarregará de apreciar o valor artistico da nova edificação que, segundo varias opiniões, não correpondia perfeitamente ao estylo primitivo.

A nossa indole profundamente sentimental leva-nos de ordinario a incoherencias estranhas. Lamentam-se muito as catastrophes mas não se empregam com criterio os meios de as prevenir. Lamenta-se que, depois das oito vidas de pobres trabalhadores, se hajam perdido com o desastre centenas de contos de réis, quando era talvez melhor ter deixado de os empregar de semelhante forma. Em todo o caso o que seria hoje um aburdo maior era reedificar o torreão derrocado pelo plano primitivo. Não pode ser: é preciso que a opinião dos homens competentes intervenha e que o edificio levantado ao lado dos Jeronymos mostre ao menos que no nosso tempo ainda se comprehende a harmonia architectonica d'aquelle magnifico templo.

O DUQUESINHO

Offembach iniciou um genero de musica que lhe deu direito a uma reputação europea. Foram, se bem nos lembra a *Bella Helena* e o *Orfeu nos Infernos* os primeiros trabalhos de folgo do *maestrino* querido, e em frente dos quaes se agitou no mundo musical a seguinte questão: se tal genero devia ou não devia ser admitido. Decidiu-se affirmativamente a despeito dos compositores *sabios* que se mordiam de despeito ao terem noticia das copiosas receitas que os empresarios realisavam com a chamada musica *Canalha* d'Offembach. Como é natural os satelites e os imitadores do genero não tardaram a aparecer. Ventilou-se d'ahi a pouco outra questão: diziam uns que a orquestração de um recente *maestrino*, Lecocq, era mais elegante; outros, que Hervé tratava as vozes com mais esmero; estabeleceram-se, em fim, muitos outros pontos de comparação entre Offembach e os seus imitadores, resultando da pugna, em ultima analyse, o triumpho completo do genero. O auctor da *Gran-Duquesa* continuou intretanto a empunhar o sceptro disputado pelos seus contendores. Se com effeito citamos algumas operetas que maior *successo* tem obtido, taes como o *Petit Faust*, e *L'oeil Crevé*, d'Hervé, *Fleur de Thé*, ou a *Fille de M.^{me} Angot* de Lecocq, lembramos-nos immediatamente do auctor da *Bella Helena*, o criador e o inspirador do genero, o que abriu aos novos *maestrinos* o largo horizonte da modernas operetas. — tal qual como Vasco da Gama ensinou aos marceantes que lhe succederam o novo caminho das Indias.

É fora de duvida que o genero burlesco passou um pouco de moda. Os compositores que outrora se esforçavam por provocar a gargalhada pela musica contentam-se hoje em despertar o sorriso. Entretanto, que dificuldade em realisar na musica essa *meia tinta* que constitue o intermedio entre a opera burlesca e a opera comica!... Alguns procuram obtela por meio d'uns arabescos d'orchestra insensatos ás vezes, dando ás vozes e á melodia importancia secundaria; outros, tocando no extremo oposto, criam melodias insulsas, desprovidas de interesse, mais proprias para adormecer creanças do que para divertir o publico.

N'este estado de cousas Lecocq revela-se como compositor de verdadeiro talento, satisfazendo a sua mais recente composição o *Petit Duc* ás exigencias impostas pela nova phaze do go-to publico.

Os espirituosissimos *couplets*; gavotas, coros de pagens, de que esta operasinha se acha recheada, tem o sabor da musica do seculo xviii em que se passa a acção do libereto. N'este ponto o trabalho do notavel compositor alcançou um completo e justificado triumpho. Se a musica do *Petit Duc* não acentua d'uma forma saliente a individualidade de Lecocq, a ponto de fazer esquecer a d'Offembach, da-lhe contudo o direito de ser considerado hoje um compositor distinctissimo, consagrando-o definitivamente como um dos *maestrinos* mais sabedores e mais espirituosos do nosso tempo.

O desempenho d'esta peça que com o titulo do *Duquesinho* subiu ha pouco á scena no Theatro da Trindade de Lisboa, foi em geral satisfatorio. O scenario do ultimo acto, que a nossa gravura representa, pintado pelo habil scenographo o sr. Procopio é excellentemente como composição scenica, tendo o artista vencido com summa habilidade uma difficuldade grande: a scena passando do dia á noite, o tom da tinta é tão certo que resiste a essa passagem.

O vestuario da peça dirigido por Carlos Cohen, é excellentemente, distinguindo-se os fatos dos pagens, no 1.^o acto e o das educandas no 2.^o, tudo isto, bem entendido, alem da magnificencia habitual com que o Theatro da Trindade costuma por em scena as peças que constituem o seu repertorio.

JOÃO PASSAVANTI

É conhecido de todo o mundo o attentado de que foi victima no dia 17 do mez de novembro ultimo o

rei Humberto d'Italia, quando entrava em Napoles acompanhado da rainha Margarida e do Principe herdeiro, entre as alas compactas da multidão que aguardava a sua passagem. Um homem rompendo d'entre a turba de faca em punho precipitou-se sobre a carruagem real, vibrando contra a pessoa do rei um golpe que foi desviado pelo presidente do conselho de ministros, Cairoli, que se achava sentado em frente do monarcha e que sustentou uma luta com o assassino até este ser derubado por um golpe de sabre dado por um dos soldados da policia.

Dos depoimentos de Passavanti, segundo os extratos dados pelos jornaes estrangeiros, depreheende-se sobretudo uma cousa; que este homem não é simplesmente um assassino vulgar. Como Hoedel, Nobling, e Moucausi, Passavanti, é da mesma forma um fanatico. Natural da Salvia, com 29 annos de idade, cozinheiro de profissão, Passavanti apaixonou-se pelas idéas extremas que hoje assoberbam os velhos partidos e os velhos interesses sociaes, e d'ahi nasceu a criminosa resolução que lhe deu tão triste celebridade. No seu depoimento ha uma frase que resume na sua rudesa todo o grande problema da miseria.

— Porque tinha odio ao rei perguntou-lhe o juiz.

— Porque o rei tem dez pratos ao jantar e eu ás vezes não tenho nenhum.

Passavanti está entregue ás justicas do seu paiz, e é possível que a sua cabeça não tarde em rolar no patibulo.

De pé ficará em todo o caso o problema social que tem de ser a luta tremenda do fim do seculo xix, e que vae como todos os credos politicos e moraes em todos os tempos, tendo os seus fanaticos e os seus illuminados.

O PILOTO JOÃO DE LISBOA

A historia dos descobrimentos portuguezes está ainda de tal maneira imperfeita, que nunca são demasiados os elementos, que por ventura vão apparecendo. Confusão e escassez de datas precisas, esquecimento ou falta de menção de nomes, taes são os travezes em que tropeçam, os que tem querido devassar a escuridão d'aquelles successos. Luctavam então os primeiros navegadores com as tradições e prevenções do mar tenebroso, e outros pavores que elles foram pouco a pouco afastando com a audacia das suas prôas, de modo que ao fim de alguns annos, de arrojo, e quasi temeridade, as profundidades e sombras do Oceano se tornaram conversaveis, e o seu seio abundoso se deixou descobrir e abraçar por tantas mãos palpitantes; hoje, ao cabo de quatro a cinco seculos, luctamos nós com as trevas da historia, para revindicar seus feitos e seus nomes, que elles, descuidosos da gloria, não memoraram; e bem merecem aquelles que ao encontrar um documento, uma data, um nome, lhe assignalam immediatamente o seu lugar na longa carta d'esses descobrimentos.

A publicação do catalogo dos manuscritos da bibliotheca dos marqueses de Castello Melhor, veio revellar alguns nomes, ignorados dos nossos historiadores, dos nossos geographos, dos nossos bibliographos; iremos preenchendo essa lacuna como as nossas averiguações o permitirem.

Um dos manuscritos mais interessantes d'aquella bibliotheca, pela sua importancia geographica, é o Codice n.º 254, que se compõe de um *Breve tractado de marinharia* etc., sem nome de auctor, tendo a fl. 9 o *Tratado da agulha de marear*, achado por João de Lisboa em o anno de 1514 etc., com uma rosa dos ventos, e 12 cartas de marear, em pergaminho, primorosamente illuminadas; a fl. 32 tem mais: *Este livro é das rotas de Lisboa até a India e ilhas dos Açores* etc., e a fl. 64 segue o *Treslado* de um livro que foi de João de Lisboa, piloto, que falla de todas as cousas e partes que até o presente são descobertas etc. Diz o erudito auctor do catalogo que não foi possível achar indício que fizesse conhecer o auctor do primeiro tractado, é porém de presumir, pela reunião dos outros tractados, que sejam todos obra do piloto João de Lisboa. — Acrescenta igualmente que o piloto João de Lisboa, *tambem não é conhecido dos bibliographos, nem dos nossos mais estudiosos geographos*, etc.



DESMORONAMENTO DO CORPO CENTRAL DO NOVO EDIFÍCIO DA CASA PIA, EM BELEM, OCCORRIDO NO DIA 18 DE DEZEMBRO DE 1878

(Segundo um esboço do natural de Domingos Cazellas)

Não admira que os bibliographos ignorassem o nome do notavel piloto, visto não ser conhecido livro nenhum d'elle; os nossos geographos modernos é que o poderiam deixar de o ignorar, se uma vez ou outra, com um pouco de paciencia, passassem uma vista de olhos, no archivo nacional da Torre do Tombo, pelas diversas chancellarias dos nossos reis D. Manuel e D. João III.

Durante o curso de nossos estudos n'aquelle archivo, haviamos já encontrado o nome de João de Lisboa, mas como não nos interessava immediatamente, ficara apontado para occasião opportuna, se chegassemos a poder tratar do periodo, em que elle deve ter exercido a sua actividade. O apparecimento porém do citado catalogo, vindo revelar que João de Lisboa fôra um dos mais habéis e inteligentes pilotos do seu tempo, obrigou-nos a suspender por um pouco os nossos estudos, para averiguar o que podesse interessar á sua historia, a fim de concorrermos com o nosso fraco serviço, para collocar o seu nome na galeria onde avultam os de Pero de Alemquer, Pero de Escobar, Ayres Fernandes que dobrou 34 vezes o Cabo da Boa Esperança, e outros que seria longo enumerar.

João de Lisboa, como o seu nome indica, foi oriundo da cidade do seu appellido; quando nasceu, isso é talvez impossivel sabel-o, só algum acaso o poderia revellar mas deve ter sido pelo meado do xv seculo; sabe-se porém que foi piloto, e que durante muitos annos viajou para as Indias, Açores, Brazil, etc. — Acha-se pela primeira vez o seu nome, em umacarta de el-rei D. Ma-



COSTUMES DO IMPERIO DE MARROCOS

(Gravura do livro no prelo Viagens em Marrocos de R. da Camara—Edição de E. Chardron—Porto)

nuel datada de Lisboa a 18 de maio de 1518, pela qual lhe faz mercê de 10\$000 réis de tença a começar de 1.º de janeiro de 1519 em diante, e é do theor seguinte:

Dom manuell & a quantos esta nosa carta virem faz-mos saber que avendo nos respeito aos servicos que nos tem feitos joam de lisboa noso piloto e esperamos que ao diante fara e querendolhe fazer graça e merce temos por bem queremos enos praz que elle tenha des o primeiro dia do mes de janeiro que vem da era de 80 e xix em diante elle tenha e aja de nos de tença em cada hum ano dez mil reis. E porem mandamos aos veadores de nosa fazenda que lhos façam asentar nos nossos liuros dela e dar em cada hum ano carta pera lugar homde deles aja bom pagamento e por sua guarda e segurança delo lhe mandamos dar esta per nos asynada e aselada do noso selo pendente dada em lisboa aos xbiij dias de mayo aluoro neto a fez ano de jbo e xbiij.

Liv. 44 de D. Man. ff. 32 v.

Não havia n'aquella epoca muito tempo para repousar; navegações para a Africa, para a America, para a Asia; cruzadores no estreito, no Atlantico, não deixariam aos praticos logar para se demorarem muito em Portugal, e por isso é natural que o piloto João de Lisboa partisse em alguma das armadas, que para qualquer d'essas partes se dirigisse, e provavelmente n'estes annos de 1518 e 1519, não deve ter ido para a India, mas ter andado nos cruzeiros, navegação para Guiné, Açores ou talvez Brazil, porque as datas das mercês que lhe foram feitas, não coincidem com as datas da chegada das embarcações da India; e, pelos seus trabalhos, vemos que era pra-

tico nas varias derrotas maritimas, que então seguiam os portuguezes.

Em 1519, por carta regia datada de Evora a 19 de setembro, diz el-rei D. Manuel, «que havendo respeito aos serviços que tinha recebido de João de Lisboa, piloto, assim, na navegação da India, como em outras partes, e aos que ao diante d'elle esperava receber, e por que elle era para isso apto e competente, o nomeava por seu patrão, da mesma maneira que o era Affonso Rodrigues que se finára, outro marítimo que naturalmente prestou grandes serviços, porque este e o cargo de piloto mór só se dava a homem muito experimentado e pratico;» eis a carta de D. Manuel:

Dom manuell por graça de deos rey de portugall e dos algarues daquem e dalem mar em africa senhor de guinee e da conquista navegaçam comercio de tiopia arabia persya e da india a quantos esta nosa carta virem fazemos saber que avendo nos respeito aos serviços que temos recebido de joham de lisboa piloto asy na navegaçam da india como em outras partes e aos que ao diamte dele esperamos receber confiando d'elle que pera ello he auto e pertencente nos servira como a noso serviço compre e consirando lhe fazer graça e mercee temos por bem e o damos daquy em diamte por noso patram asy e per a maneyra que o avia ofonso roiz que o dito ofício tinha e se finou com todas priminecias privilegios e liberdades que a ele directamente pertencem com o quall ofício queremos que tenha e aja de tença oytto mill reis cada ano e porem mandamos a jorge de uascomellos fidalguo de nosa casa e a todos

nosos oficiaes e pesoas aque esto pertencer que ojam daquy em diamte ao dito joham de lisboa por noso patram como o era o dito ofonso roiz e o metam em pose do dito ofício e lhe leixem cumprir e usar dele como lhe pertence e aver e gozar das ditas priminecias privilegios e liberdades que ao dito ofício som ordenadas e a ele directamente pertencerem sem lhe niso porem duvida nem embargo algum por que asy he nosa mercee e mandamos aos veedores de nosa fazenda que lhe façam asemtar a dita tença em os nosos liuros dela e dar carta cada ano pera lugar onde lhe sejam bem pagos o quall joham de lisboa jurou em a nosa chancelaria aos santos avangelhos que bem e verdadeiramente sirva o dito ofício dada em nosa cidade deuora aos ix dias de setembro jorge fernandes a fez de mil bñz annos.

Liv. III, de D. João III, f. 22.

THEATRO DA TRINDADE DE LISBOA



O ACAMPAMENTO, SCENA DO 3.º ACTO DO DUQUESINHO, OPERA COMICA DE LECOQC

(Dezenho de M. de Macedo)

Vê-se pois que D. Manuel concedeu a João de Lisboa o cargo de seu patrão com todas as honras, privilegios, e preeminencias d'elle, e com a tença annual de 88000 réis, que hoje nos parece uma miseria para um mez, mas que então o não era para um anno, nomeadamente junta á outra, de 108000 réis, acima apontada, o que perfaz 188000 réis, correspondendo hoje proximo a 938000 réis, afóra o mais que ao referido cargo pertencia pelas viagens, etc.

(Continúa.)

BRITO REBELLO.

SOB OS CYPRESTES

POR BULHÃO PATO

Não pôde retrogradar uma unica onda do perpetuo movimento do tempo, mas, no meio das tribulações

da vida, a memoria traz-nos muitas vezes consolação e allivio, recordando-nos os homens e as cousas com as fórmulas gentis e poeticas, de que a saudade reveste o que repousa e nos attrae no campo sancto do passado. Foi de certo em taes horas de suave melancolia que o sr. Bulhão Pato escreveu o seu formoso livro.

Surgem n'essas paginas as fronte serenas e puras de alguns homens, que, existindo ainda ha poucos annos, já todavia se distanciam muito das idéas, dos sentimentos, dos affectos, do viver e crer da sociedade actual; homens grandes, que foram acaso destinados para instrumento poderoso que por algum tempo detivesse a vergonhosa ruina, o universal desamparo, que tristemente se vae aproximando. Taes são Herculano, Garrett, Castilho, José Estevam, Rebello da Silva, e, embora no segundo plano, Santos Silva, Rodrigo Paganino, Silva Gaio e Guilherme Braga.

Não tenta o auctor analysar o alto valor de cada um d'esses notaveis entendimentos. Não conta tambem as noites de febre, de profunda contensão de espirito, de entusiasmo e de duvida, de paciente labor e de subitas inspirações, que deram origem ás suas obras immortaes. Restringe-se a breves traços sobre a vida

litteraria, a vida intima, a vida anecdotica d'aquelles homens, alguns dos quaes, na lucta obstinada contra o esquecimento, chegaram ainda a ver satisfeita a mais valiosa e ousada das paixões, a ambição de gloria, sonho ou visão das almas privilegiadas, a que de boa vontade tantos sacrificam o repouso e as alegrias da existencia.

Lembra-nos que um d'esses homens, o maior de todos talvez, vencida a Scott e a Hugo, a Rancke e a Guizot, ora creando com incomparavel vigor de estylo o *Eurico*, a *Abobada*, o *Monge de Cister*; ora discernindo e abrangendo com relance de aguiá as profundezas mais obscuras da philosophia e da sciencia; ora descrevendo os primeiros seculos da sociedade portugueza, em todos os seus aspectos e evoluções, com a critica subtil de quem durante largos annos applicára as altas faculdades do espirito a escabrosas investigações, a severissimos estudos com o fixo empenho de descobrir a verdade. Apresenta-nos outro, idealisando no *Camões* e na *D. Branca* os nobres e puros affectos; desenhando no drama e no romance caracteres como o do *Alfageme*, o de *Gil Vicente*, o de *Paula*, o de *Joanninha*; movendo todas as cordas do ceração no

grandes lances, nas fundas angustias, nas scenas admiráveis do *Frei Luiz de Sousa*; ou domando na tribuna as assembléas, assombrando amigos e adversarios com o verbo sublime em que ás iras da invectiva e á logica da argumentação conseguiu sempre ligar a graça, a perspicuidade, o inexcédível primor da forma. Mostra-nos o suave cantor da *Primavera* e do *Outono*; o exímio traductor de Anacreonte, de Virgílio, de Ovídio, de Shakspeare, de Goethe, de Molière; o primeiro dos nossos poetas lyricos; o mestre que na *Chave do enigma* e no *S. Bruno* deixou as mais formosas paginas de prosa, de que se ufana a lingua portugueza. Patentea-nos a altiva estatura, a fronte espaçosa e serena, as feições varonis, o olhar fascinador, a voz poderosa e insinuante, a memoria instantanea e tenaz, a phantasia arrojada, a phrase inspirada, caudalosa e energica do mais insigne tribuno dos nossos fastos parlamentares. Descobre-nos outro orador notabilissimo e escriptor valioso, em cujas obras excellentes, a *Mocidade de D. João V*, as *Logrimas e Theouros*, a *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*, só o preguiçoso desalinho e a precipitação do trabalho anuiviam ás vezes o esplendor maravilhoso do talento. Recordam-nos, emfim, elevados engenhos, athleticas vontades, que, nas luctas da tribuna e nas da imprensa, se honraram e honraram a patria, e que esta, versatil e injusta, tem já hoje talvez esquecido.

Descrevendo scenas da vida domestica e da vida politica, indicando alguns excerptos formosissimos da moderna litteratura portugueza, repetindo conversações, lembrando apostrophes, colligindo noticias, que por vezes revelam mysterios do coração, este livro reproduz fielmente o aspecto intellectual e moral d'esses homens prominentes, e a influencia que n'elles produziram as idéas, os usos, as instituições, as grandezas e miserias do tempo em que existiram. Não vemos simples abstracções, não divisamos apenas uma imagem vaga, superficial, diminutissima do que foram taes homens: quasi que os encontramos diante de nós, com os pensamentos, as feições, o movimento e a energia do primitivo ser. Costumavam os egypcios expôr aos olhos dos mancebos as coroadas mumias dos avós para colhibirem com a sua presença habitos de desenfreado e de cubica; apresenta-nos o sr. Bulhão Pato retratos de varões egregios como que a reprehenderemos do abatimento litterario e civico em que jazemos, da philosophia corrompida e parasita com que aviamos só pelo padrão das proprias conveniencias a torrente dos acontecimentos.

É este, ao que me parece, o principal intuito do livro. Na sua execução poderião talvez occorrer ponderações menos justas, e ainda a completa omissão de alguns pontos importantes; mas o que raras vezes falta é a critica perspicaz na analyse e apreciação dos factos, o constante empenho de evitar preconceitos e superstições, e o profundo e cabal conhecimento dos homens illustres de que trata. «Conheci-os, diz o poeta, no theatro e nos bailes; captivaram-me no trato intimo; lidei com elles nos jornaes; admirei-os lendo os seus versos e os seus romances; applaudi-os assistindo á representação das suas comedias e dos seus dramas; arrebataram-me quando os ouvia na tribuna, e illustraram-me quando os escutava nas academias.»

Tal é o livro, que direi do auctor? Concedeu-lhe a natureza o insigne privilegio do talento, tem-o sempre perseguido a fortuna, como que a secundar a inveja. Orador fluente e energico, nunca foi lembrado em comicio politico ou escolhido em circulo eleitoral para representante dos interesses da nação. Escriptor intelligente e sensato, homem probo e integerrimo, amigo dedicado e leal, não exerce altos cargos publicos nem tem rendosas sinecuras, e como que vive apenas do trabalho de cada dia. Assim paga ás vezes o mundo, assim paga quasi sempre esta terra áquelles a quem mais deve.

I. F. SILVEIRA DA MOTA.

COSTUMES DO IMPERIO DE MARROCOS

Os habitantes d'este paiz usam diferentes trajas conforme a raça e tribus a que pertencem. A nossa gravura representa um soldado d'infanteria de Fêz, uma moura de Tetuão, e uma mourita que languidamente se encosta á porta de sua casa.

O soldado de Fêz é vistoso e pittoresco. A sua farda consiste n'uma jaqueta, calções de lã de côr amarella, verde ou azul e de uma cinta encarnada. Por cima d'isto veste uma especie de camisa comprida de paninho branco com mangas largissimas. Á cintura traz uma corréa de marroquim bordada a retroz, da qual pende uma espada, em forma de punhal, com punho de bufalo, enfeitado com um cordão de seda vermelho com borlas. Na cabeça um barrete encarnado, sem turbante, e posto direito para o ar, nos pés umas *babuchas* amarellas, e nas mãos a sua espingarda de cano compridissimo e estreito, toda enfeitada com argollas de metal.

A moura de Tetuão, que vai ao *soko*, mercado, ven-

der manteiga de vacca, ovos e gallinhas, não traz a cara coberta, e usa um chapéu de palha, com abas tão largas que é necessario serem sustidas exteriormente por uns cordões que pendem da copa do chapéu que mais parece um guarda-chuva.

As mulheres de Tetuão têm fama de serem as mais bellas, amáveis e trabalhadoras do imperio.

No seculo passado não se permitia, nem mesmo aos consules, que residissem n'aquella cidade, pela razão da natural e inata amabilidade do sexo feminino.

Era um ingenuo processo de guardar a virtude, mas que se comprehende quando se trata d'um paiz tão original como Marrocos.

R. DA CAMARA.

CANÇÃO DO OUTOMNO

É outomno: tristemente
A morte diz-nos segredos:
E o sol para os arvoredos
Sorri-se como um doente.

Ha um vago tom do sol posto
Na pallida côr celeste...
Choram um grande desgosto
As rajadas do nordeste.

Sacode o vento as vidraças
Bate a chuva nas calçadas.
Ha soluções de desgraças
N'aquellas aguas furtadas...

Vão passando enterros lentos
Pelas ruas da cidade
E as almas tem d-salentos
D'uma infinita saudade,

Folhas seccas, amarellas,
Formam nas praças esteiras.
Vão-se as tisticas donzellas
Com as aves companheiras.

E brancas, côr das opalas,
Cruzadas as mãos nos peitos,
São levadas para as vallas,
Nos seus esquiões estreitos.

Vão dormindo, vão sonhando
Com bailes, noivos e festas
E o vento vac desfolhando
As arvores das florestas.

Frio thuriblo suspenso
Declina o sol para o occaso:
E as nuvens... nuvens d'incenso,
Que se evolvem d'esse vaso.

E a terra, campa infinita,
Que a sombra do ceu enluta,
É o tumulto onde se agita
A vida em continua lucta!

Que n'este frio abandono,
N'este saudoso mysterio,
A natureza no outomno
É um berço n'um cemiterio.

Renascem a essencia perdida
Das brancas virgens formosas
Na circulação da vida
Em nuvens, perfume e rosas.

E, enquanto o coveiro encerra
As mortas dentro das covas,
O lavrador lança a terra
Nas sementes vidas novas,

E o sol para os arvoredos
Sorri-se como um doente...
A morte diz-nos segredos
Nos outomnos, tristemente...

18 de Novembro de 1878.

COELHO DE CARVALHO.

OS ANDES

«Estou cansado d'este espaço, d'esta immensidade!

— Que direi eu, que vivo aqui ha tantos annos, alongando o olhar pelas aguas do Prata

ou pela grama da campina, vendo sair o sol das ondas do rio para o ver sumir-se entre celagens terrosas e opacas, além nos confins d'esta planicie... Que saudades tenho das montanhas...

Se lá vivesse, sentiria a falta da Pampa.

— Engana-se. Nas montanhas acha-se a gente rodeada pela alma da nossa mãe, que nos envia os suspiros do seu coração involtos no fogo dos seus vulcões, que nos regenera com a seiva das suas entranhas vertida nas fontes de vida que manam dos seus montes e que nos alenta com o espirito das suas selvas. Nós, os montanhezes, vivemos a vida das nossas montanhas, somos orgulhosos como ellas, temos a sua gravidade séria e risonha, amamos-lhes a luz e as sombras...

Era um filho dos Andes quem assim fallava.

Effectivamente nas montanhas o homem encontra horisontes vastos, de que se apossa, que toca como se fossem propriedade sua; sente-se acompanhado pelas collinas graciosas, de vertentes circulares e suaves, pelos picos selvagens, pelos bosques isolados, pelos taboleiros de verdura; acha por toda a parte a animação bulhçosa da natureza, nas vozes da corrente que se desata furiosa por entre as rochas das quebradas, nos ruidos das auras que folgam nas selvas, nos zumbidos do vento que açouta os cumes sinuosos. Tudo é variedade: o bello ao lado do sublime, o ameno e agradável apoz o adusto e fero, as sombras no meio da luz torrencial reflectida pelos cimos nevados, o silencio do bosque em cima do bramido da corrente e debaixo do furacão que silva nos picos alterosos.

Nas Pampas está a immensidade, a solidão, o silencio, a oppressora egualdade de logar e de tempo.

O que ha na natureza que se possa comparar com um valle perdido entre as cadeias andinas? Ali, n'uma sinuosidade que as serras apertam em seus braços marmoreos, existe um pequeno paraizo que só é visto pelo sol, pela lua e por alguns astros que tiveram a ventura de se collocar em seu zenith. Um arroio de prata serpentea n'um leito de arcias douradas e de pedrinhas de todas as côres, entre bosques amenos e ao pé de collinas apraziveis que mal se elevam, simulando em suas fórmulas arredondadas os seios da mãe Ceres. Prados de verdura ali se occultam. A corrente ruge aos pés da serra, perdida entre as brenhas e os boldos gigantescos. O zephyro produz sons indefiniveis, perfumando a pradana com um halito carregado do aroma das arvores, em cuja folhagem se recreia. O sol inunda todo o valle, avivando as côres da verdura, e penetrando nas sombras do bosque, cujas folhas moveis quebram em mil prismas os raios da luz, e dão-lhes a apparencia de uma chuva de agulhas frageis de prata e ouro, de rubis e esmeraldas, de opalas e brilhantes, que offuscam a vista. Encantos da luz! como alternaes com os ruidos harmoniosos da natureza e com os embriagantes olores da vegetação n'aquelles valles encantados que os Andes guardam em seus seios!

Nenhuma d'estas bellezas se encontra na Pampa, que eu atravessava na primavera de 1874, em direcção aos Andes. Já nos ficavam ao sul os extensos paramos; o caminho cortava um terreno accidentado e a vista descansava nos cerros do Morro, nos bosques do Rio Quinto e na Ponta de S. Luiz, ao norte da qual se destacam a grandes distancias, como sentinellas seculares, alguns cones magestosos, que se erguem, isolados e solitarios no meio das Pampas. Mas os Andes ainda não appareciam.

Uma tarde, ao pôr do sol, apeavamos-nos na porta do Desaguadero, d'onde, dizia-me o meu companheiro, eu devia avistar as cordilheiras. Á medida que o astro descia n'um horizonte brumoso, desenhava-se nos céos uma cupula enorme, um hemispherio, que mais parecia uma illusão de optica. Era o Tupungato que estava occulto pela nevoa da tarde, e que erguia a sua cabeça no horisonte opaco, como se estivesse pendente do firmamento e separado

do mundo. Com o crepúsculo subiram novos vapores que velaram aquelle portento, deixando-me uma religiosa impressão. Entrevira os Andes!

No outro dia fiz o caminho em constante ansiedade, divisando por momentos alguns cimos nevados, quando as arvores ou a poeira o permitiam. Mas na manhã seguinte, o espectáculo era imponente: os olhos abraçavam uma extensão dilatadíssima da cadeia andina.

O que são os Alpes vistos de Clarens, comparativamente com os Andes observados da desaffrontada campina de Mendoza?! Ante aquelles, ponde Byron soltar uma exclamação. Na presença dos Andes, emmudece a alma, não assoma a palavra aos lábios, porque a impressão que se sente não tem linguagem.

Uma cadeia immensa de brilhantes collosaes cruza o horisonte, na altura dos céos, até aonde a vista pôde alcançar do austro ao septentrião. As linhas circulares e suaves do cerro do Tupungato contrastam com os picos angulosos da serra das Vaccas e com a ponta caprichosa do Aconcagua, que, mais ousado que todos, se remonta á região do ether, mostrando o ultimo esforço que a terra fez para alcançar os dominios do sol. Pelo sul prolongam-se até perder-se de vista, os esbeltos cerros, os grupos de picos, figurando o conjuncto das torres de uma cidade aerea, as curvas sinuosas que ora se remontam, ora descem, desenhando de prata o azul da atmosphera.

Salvé, portentosos Andes! Caio, em fim, em vossos braços, a sentir o afago das vossas brisas! Salvé geradores da vida, que distribuis os climas e os ventos, o calor e a agua, que formaes os valles temperados das messes e as ardentes estancias do café, do ananaz e da chirimoya! Sois a imagem do infinito, centro de poesia e de verdade, que affrontastes os seculos de uma eternidade, sempre protentosos e bellos!

O grandioso diminua á medida que avançavamos. O panorama portentoso mudára nas immediações da cidade. As asperas collinas do Challado e os adustos cerros do rio occultavam a cordilheira, e só por detraz d'ellas se viam as cabeças nevadas da serra das Vaccas.

«Não ha grandeza que não diminua quando se toca, exclamou o meu companheiro. Os montanhezes vivem em familiaridade intima com os cumes das suas montanhas».

F. D'ALMEIDA.

O MIMOSO

— Está frio, dizia elle subindo o Chiado.

Era um homem de quarenta annos, magro, quasi cadaverico, de melenas tão compridas e tão esquecidas de pente que se lhe emmaranhavam nas barbas, de olhos negros, encovados, de olhar obliquo e desconfiado, scintillando com a fome por cima das olheiras profundas.

Era no inverno e elle com a mão ossea e comprida apertava contra o peito a sobrecasaca preta sem botões. Não trazia collete e a camisa estava rota. Como é preciso ter gravata para se entrar nos passeios, onde elle gostava de ir á tarde apanhar um bocadinho de sol, trazia um pedacinho de panno azul pregado ao colleirinho sem gomma, com um alfinete de ferro. As botas rotas, mancas de tacões, tinham a tapar-lhes os buracos, camadas accumuladas de lama secca.

Parou á porta do Baltresqui.

Um janota sentado a uma das mesinhas do café, deante de uma garrafa de Père Kermann aspirava o fumo aromatico de um charuto pequenino. Passados momentos tirou o relógio da algibeira, viu as horas, enguliu de um trago as ultimas gotas do calix e chamando o criado pelo nome atirou-lhe uma nota de dez mil réis. Quando o criado voltou com o tróco levantou-se deixando o cobre sobre a mesa.

— Muito obrigado, sr. Visconde, disse o cria-

do, dando-lhe pequenos piparotes na manga do paletot suja pela cinza do charuto que o Visconde quebrára sobre a mesa.

— É um visconde, observou distrahidamente o homem das botas rotas.

E como o Visconde voltasse para cima, seguiu-o á espera que deitasse fóra a ponta do charuto. Ia apertando a sobrecasaca contra o peito e invejando o paletot do Visconde, comprido, felpudo, de grande golla que se podia levantar e abrigar as orelhas do frio.

O Visconde ia subindo devagarinho, com as mãos nas vastas algibeiras, tirando do charuto abundantes fumaças, com aquelle sorriso de satisfação que dá a certos parvos de bom estomago a digestão de um bom jantar.

Elle tinha fome. Almoçára na véspera e depois ainda não tinha comido.

Mas o que mais o apoquentava era o apetite de fumar.

O fumo adormece a fome e expulsa a melancholia. Póde-se dormir quando se tem um cigarro na algibeira e o fumo de um outro enchendo o quarto. O tabaco é o veneno rei dos venenos, um veneno que mata lentamente, que embriaga, que acalma os nervos, que faz perder a memoria e que dá ás pernas uma fraqueza deliciosa, que faz achar boa a cama pela manhã quando o ar está cheio de frio e de nebrina e na dura e cheia lama se ouvem os pregões e o sussurro dos que tem que fazer, dos que trabalham.

— Por isso Deus que afinal é bom, ia o homem pensando, encheu as ruas de pontas de charuto para os homens e de tallos de couve para os cães que não fumam, que não tem que esquecer, que são tolos.

Mas a noite estava chuvosa e as pontas de charuto não se viam, enterradas na lama pelas rodas das carruagens. Por isso elle seguia o Visconde ancioso pelo momento em que o charuto havia de cair espalhando em torno uma chuva de faisquinhas.

O Visconde parava de vez em quando apertando a mão aos amigos que desciam.

— Então que se faz? perguntavam estes.

O Visconde encolhia os hombros como resposta áquella pergunta ociosa e tola e o homem notou aquillo.

— Pois elle não terá nada, mesmo nada, que fazer?

Comparou-se com o Visconde e sentiu uma certa vaidade. Porque elle trabalhava, fazia alguma coisa. Se lhe perguntassem o quê, talvez não respondesse logo, assim sem pensar, sem examinar um instante com o seu olhar desconfiado o fim com que lhe fariam aquella pergunta. As vezes quando se levantava não tinha de comer; era preciso arranjar-o e arranjava-o. Era talvez pouco escrupuloso, isso sim.

— Mas, pensava elle ás vezes, para ter delicadezas é preciso ter alguma coisa na algibeira. E isso era raro, muito raro.

Decididamente, se alguém lhe perguntasse — Então que se faz? havia de responder como o Visconde, encolhendo os hombros.

Depois, como se toda esta cadeia de pensamentos o tivesse conduzido a uma conclusão certissima, olhou para o Visconde a rir com um certo ar maganão e exclamou baixinho, como quem faz um descobrimento:

— Olá!

E apontando com o dedo pollegar para o Visconde disse piscando o olho a si mesmo:

— É cá dos meus.

Chegado á rua Nova dos Martyres, o Visconde parou um instante tirou o relógio da algibeira e aproximando-se de um candeeiro tornou a vêr as horas. Esteve um momento como que indeciso sobre o que havia de fazer e por fim dobrou a esquina da rua e dirigiu-se para S. Carlos.

Tirou as luvas da algibeira e começou a calçar-as.

— Quando deitará elle fóra o charuto? pensava o homem.

Mas de repente affirmou a vista e os olhos fisearam-lhe: o Visconde ao tirar as luvas da algibeira deixára ficar o lenço com a pontinha de fóra.

Contraheu um pouco as sobrancelhas meditando.

Valeria a pena um lenço? Tinha fome. Aquelle lenço representava talvez a ceia. Seria triste na verdade; o que poderia valer um lenço?

Estendeu o labio inferior.

Era preciso tomar uma resolução.

Ora, adeus! Mais valia isso do que morrer de fome.

Approximou-se nos bicos dos pés.

Olhou para todos os lados. A rua estava deserta.

O coração batia-lhe um pouco. O Visconde podia sentil-o, defender-se, gritar e elle iria preso, com fome e passaria a noite a tiritar com frio, fechado n'um calabouço.

— Animo!

Metteu a mão esquerda por debaixo da aba do paletot.

O Visconde cantarolava:

C'est q'cá gli...iis...se.

Victoria! O lenço era d'elle!

O Visconde não tinha sentido nada e acabava o couplet:

Encore un qui n'aura pas
La timbale
La timbale

Um lenço! Ia finalmente comer. Tinha ganho o seu dia.

E o lenço era um bom lenço, muito branco, muito novo.

O homem mirou-o e remirou-o.

Não tinha uma só passagem e era de seda.

Era de seda! Queria aquillo dizer talvez que representava mais do que a ceia.

Quanto poderia valer aquillo?

O homem aproximou-se de um bico de gaz e poz-se a olhar. De vez em quando coçava com a unha a aza do nariz, signal certo de embaraço.

O Gomes é que lh'o poderia dizer. O Gomes era muito entendido; um pouco ladrão, mas muito entendido.

E já esquecido do Visconde e do charuto, voltou e dirigiu-se para a calçada do Duque.

A casa de penhores era á esquerda, uma casa de penhores pequena, cheia de facto até á porta.

O Gomes estava por detraz do balcão, encostado aos livros, com a sua suissa á ingleza, a caneta atraz da orelha e o seu sorriso protector.

Um candeeiro de petroleo com o vidro sujo e luz economica alumiaava fracamente as roupas inuteis que nas prateleiras até ao tecto esperavam tristemente pela traça ou pelo proximo leilão.

Uma guitarra sem cordas pendia de um prego ao lado de uma serra. Do outro lado o retrato de um bom velho burguez e calvo, com a

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Quem se queima alhos come.

barba cerrada, o ar honesto e um botão de ouro quadrado no peitilho da camisa, sorria com bondosa satisfação para um cacho de botas velhas suspensas do tecto a um palmo do nariz. Tinha valido um dinheirão, agora valia cinco tostões.

O homem parou á porta e espreitou.

— Muito boas noites, sr. Gomes.

— Olá!

— Dá licença?

E atirou com o lenço para cima do balcão.

— Faça favor de vêr isso.

E, á espera que o exame do lenço acabasse, começou a entreter-se a vêr uma borboleta que voava em torno do candeeiro.

O Gomes abriu o lenço, sacudiu-o, levantou um pouco a torcida e começou um exame minucioso virando e revirando o lenço.

— Isto de bordados... Ainda se não fosse bordado... Um A e uma corôa.

E o Gomes sorriu esforçando-se por ter um ar inteligente.

— Foi o sr. Visconde que m'o deu para o empenhar, disse o outro encolhendo os hombros com impaciencia.

— Pois, meu amigo, pôde dizer ao sr. Visconde que isto pouco valor tem; o bordado é bom, o bordado tem valor; mas a quem pôde isto servir? Quer tres tostões?

— Traste! resmungou o homem. Então isso só vale...? Ó sr. Gomes, olhe que roubar é feio. Faça favor de reparar que é de seda.

O Gomes deitou o lenço sobre o balcão, cheio de desprezo.

— Dê um cruzado e vou-me embora.

— Homem, você parece que não sabe quem eu sou.

E poz doze vintens sobre o balcão.

— Traste! tornou a resmungar o homem pegando nos doze vintens e encaminhando-se para a porta.

— Quer cautella? perguntou o Gomes com ar de brincadeira e desmanchando o bordado com o bico de uma tesoura.

— Nada, obrigado. O sr. Visconde não me fallou em cautella.

E sahiu a resmungar.

Poucas horas depois estava estirado ao pé de uma sargeta.

Cahia uma chuva miuda e fria e elle sonhava.

Sonhava que tinha roubado um lenço de seda, de uma seda muito fina, tão fina, que até nem o Gomes sabia ao principio o que lhe havia de dar pelo lenço. E tinha-lhe dado a loja toda, as botas, a guitarra, o ouro que estava na gaveta do balcão, o dinheiro que estava na commoda, tudo. E elle era rico. Andava de trem e bebia no Baltresqui uma cousa com bolhasinhas a subir e que fazia saltar as rollhas das garrafas. Os janotas do Chiado tratavam-o por tu e os gaiatos davam-lhe dom. O Visconde era muito amigo d'elle e offerecia-lhe charutos magnificos que roubava a um estanqueiro muito velho da rua dos Canos. Tinha um paletot côr de canella, muito quente e andava de luvás. Morava n'um palacio e tinha na salla o retrato do velho que es-



D. FILIPPA DE LENCASTRE MULHER DE D. JOÃO I

Cópia de um retrato, por Simão Beninc, no manuscrito n.º 12:531, no *British Museum* em Londres (Gravura extraída do livro, *Rainhas de Portugal*)



GIOVANI PASSAVANTI

(Auctor do attentado contra o rei Humberto I, no dia 17 de Novembro de 1878)

tava na loja do Gomes e que era pae d'elle e do outro lado estava o retrato do outro pae, do que elle tinha conhecido, do que lhe dava pancadas quando era pequeno. E o Gomes vinha pedir-lhe esmola, estava muito magro; o lenço não era de seda, era de papel e elle tinha um cão muito grande, com olhos de lume que mordida no Gomes e o Gomes chorava.

— Levante-se!

Um policia de voz aspera acordou-o com um pontapé.

E como o homem resmungava, metteu-lhe as mãos por debaixo dos braços e obrigou-o a pôr-se em pé.

— Marche adiante e nada de ceremonias.

Fôra dia de grande galla e as luminarias morriam nos preguinhos do governo civil.

O homem percebia tudo um pouco vagamente. Sentia-se empurrado e via as luminarias.

Aquillo entristecia-o.

Perguntaram-lhe o nome e ainda teve forças para murmurar com voz avinhada:

— Francisco Antonio, o *Mimoso*.

Quando pela madrugada acordou cheio de frio e de fome, metteu a mão tremula na algibeira das calças e murmurou com voz triste e arrependida:

— Fiz mal.

E depois de um instante de reflexão:

— Devia ter comprado um mas-sinho de cigarros.

J. DA CAMARA.

RAINHAS DE PORTUGAL

POR

F. DA FONSECA BENEVIDES

Como especimen dos bellos desenhos que illustram as paginas do livro *Rainhas de Portugal* do illustre professor e nosso distincto collaborador, o sr. Fonseca Benevides, damos hoje o retrato de D. Filippa de Lencastre mulher de D. João I, copia fiel d'um retrato por Simão Beninc no manuscrito n.º 12:531 do *British Museum* de Londres.

O livro as *Rainhas de Portugal* é certamente um dos mais bellos que tem saído dos prelos portuguezes, já pelas primorosas gravuras que illustram as suas paginas, já pelo magnifico trabalho typographico, nitido e perfeito como todos os que saem das acreditadas officinas de Castro Irmão. Os retratos que o adornam são copiados com o maior escripto dos que se supõem authenticos, havendo entre elles alguns extremamente notaveis pelo primor do desenho e pelos caracteristicos especiaes das épocas.

Alem d'isso, esta obra que em breve, com a publicação do 2.º volume, ficará concluida, torna-se notavel pelo trabalho d'investigação historica, pelos valiosos subsidios de que está recheiada, podendo considerar-se, no seu genero, um dos trabalhos mais completos de que hoje se ufana a litteratura patria, em que se nota tanta escassez de livros d'esta ordem, aliás tão necessarios e tão proveitosos para a historia de qualquer povo.

Na administração do *Occidente* satisfazem-se quaesquer requisições da obra, cujo preço é de 12\$000 réis os dois volumes.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6